



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



Por M. E. BARBOSA VIANA

DESENHOS DE CASTANÉ



HELENA, minha irmanzinha adorada, Deus queira que o dia de amanhã chegue depressa...

—E tens razão Maria Thereza; festas caricias, presentes, tudo em honra de V. Ex.^a, que admiração!—respondeu Helena, não sem uma pontinha de tristeza, provocada, sem duvida, por não

ser ela a festejada.

—Sim, sim queridinha, amanhã vai ser um dia cheio para nós.

—Para nós?! Dize antes para ti; pois os presentes que receberes creio que serão todos para ti...

—E não hão-de ser poucos, não! A mamã já disse que me oferecia um lindo vestido de «georgette», e o papá um par de sapatinhos e um chapéu, destes como agora se usam; não sei se já reparaste naquele da Madalena?

—Sim, bem sei, e por sinal que é bem bonito...

—Depois, ainda restam os presentes dos avós, dos tios, dos priminhos, de Lena, da Renata... Ah, é verdade... e que te parece a Isabel?! Achas que ela me oferecerá alguma coisa?

—Pois, naturalmente! Tu também lhe deste um presente no dia dos anos dela tinha a sua graça:—nós gastarmos dinheiro com as amigas e elas não nos retribuírem da mesma maneira!

—O que estão os meus amôres aqui a palestrar?... pergunta, nisto, a mãzinha, que acabava de entrar no quarto das filhas.

—Estavamos a falar no dia de amanhã, nos presentes que hei-de receber, mãzinha.

—Então quantos devem ser ao todo? Já fizeram as contas?—interroga a mãe sorridente.



—Certos... certos, uns dez. E Maria Thereza passou a nomear á mãe as pessoas que, no seu entender, lhe deviam dar algum presentinho.

—Tudo isso está muito bem mas, afinal, esqueceram-se de falar no da tia Perpétua.

—O quê, a mamã também a convidã para o chá de amanhã?!

—E porque não, minha querida?! Não é ela a viuva do irmão mais velho do teu pai?



—Sim, mãizinha, bem sei, mas nós mal a conhecemos; tem sempre vivido no Brasil, e, depois, é um tanto ou quanto... eu, antes, parece ser um pouco rabujentinha e a mamã há-de forçadamente concordar que convidar pessoas rabujentas num dia em que a rabujice deve estar completamente abolida, é realmente desolador!

—Não deves falar assim de tua tia, Maria Thereza. Não é bonito! De resto, é preciso tratá-la com carinho, porque ela é riquíssima e, sem dúvida, será o presente, dela o melhor que amanhã receberás!

—A mamã tem razão, Thereza. O presente da tia Perpétua, deve ser o melhor. Tens que tratá-la com todas as atenções, não obstante ela ser tão... rabujentinha, acrescentou Helena, orgulhosa da sua esperteza.

Então no áuge do entusiasmo, saltando risadinhas trocistas, Maria Thereza declamou: «—Oh querida tia Perpétua, assim que cá venhas hoje, vou logo encher-te de carícias, de beijos, para te comover, para que me des um presente que faça a inveja de todas as minhas amigas!»

Porém, o destino nem sempre está pelos nossos ajustes, antes capricha em nos fazer, de vez em quando, das suas partidas. A tia Perpétua, entrando nesse instante em casa dos cunhados e dirigindo-se ao quarto das sobrinhas para lhes desejar «os bons dias», ouviu as últimas palavras pronunciadas pela sobrinha. Pelo seu rosto, passou como que uma sombra de tristeza e, com um suspiro imperceptível, murmurou baixinho: «—Ah, o interesse, o vil interesse, que nem poupa as criancinhas!...»

Então, em vez de entrar no quarto das sobrinhas, atravessou o corredor, e dirigiu-se para a casa de jantar, onde a aguardava o cunhado.

Não tardou a juntar-se-lhes as sobrinhas e a cunhada, que logo, amavelmente, a convidaram para o chá de sua filha.

—O quê, a Maria Thereza faz anos amanhã?! E estavas tão calada, marôta?! exclamou a tia dirigindo-se a Maria Thereza. Esta, aproximando-se dela, enlaça-a com os seus bracinhos, aproxima os seus lábios frescos do rosto, ainda formoso da tia, e enche-o de beijos tão sinceros na aparência, como o não faria melhor uma boa actriz, e exclama com uma vozinha cheia de suavidade e encanto:

—Para que lhe havia eu de dizer querida tia? Parecer-lhe-ia, e com razão, que eu só a queria ter cá para que a tia me fizesse uma dádiva qualquer; ora longe de mim tal idéia, crédo!

—Sorrindo-se, a tia voltou-lhe numa voz em que havia qualquer coisa de enigmático, de indefinido: «—Bem sei, minha Therezinha, que és muito minha amiga; e eu saberei premiar-te como mereces!»

* * *

Finalmente, o dia tão impacientemente desejado pela nossa amiguinha, chegou! E chegou sorridente, cheio de sol como era mistér!

Não faltaram os avóznhos, os tios, os primos, as pessoas amigas dos donos da casa, as amiguinhas predilectas; e, como que por um comum acôrdo, todos nesse dia pareciam ter esquecido as suas tristezas, para se confundirem no mesmo límpido contentamente, que brilhava em todos os olhos, que trasbordava em todos os corações!

Os presentes choviam a cada instante. Maria Thereza rejubilava! Mas faltava ainda o da tia Perpétua. «—Esse sim, não-de vê» —dizia ela ás amiguinhas, cheias de inveja da sua sorte.

Contudo a tia tardava... parecia comprazer-se em arrelliar a sobrinha... O relógio da casa de jantar havia já dado 5 horas e a tia Perpétua sem aparecer! Maria Thereza principiava a enervar-se: —Mãizinha são 5 horas, temos que mandar servir o chá...

—Ainda não chegou a tia, filha; é preciso esperar por ela senão pôde-se melindrar, e para a Páscoa as meninas...

—Tem razão mãe, interrompeu Helena com ares senhoris —e prosseguindo: —é preciso esperar pela tia!

5 e meia, já, e nada de aparecer a boa tia Perpétua! Às seis horas o desânimo principiava a invadir, não só a Maria Thereza, como os próprios convidados, que lá no seu íntimo não achavam motivo bastante para que não se servisse o chá, só pelo facto da tia não aparecer, E se ela não viesse?!...

Mas veio! Às seis e alguns minutos a tia Perpétua deu entrada na sala.

Não tenho palavras meus pequeninos, para lhes des-



crever a alegria, o contentamento com que a tia foi recebida por todos os convidados, quasi em riscos de não tomarem chá ou então tomá-lo frio, o que não seria muito melhor; dir-se-ia quasi o despertar duma esperança que se julgava, para sempre, extinta!

Therezinha não pode deixar de dardejar olhares curiosos para um embrulho de forma rectangular, que



dava a impressão de ser uma caixa ou um estôjo, de que a tia-se fazia acompanhar.

— Bem me queria parecer. — segreda ela a uma das suas amigas. — Deve ser alguma jóia valiosa... Talvez um colar de pérolas!...

A bondosa tia, sempre de sorriso nos lábios, larga o almejado embrulhinho sobre a mesa, e, depois de dar os parabéns à sobrinha, que, radiante de esperança, a abraçava, diz-lhe:

«Trago-te um presente de alto valor, qualquer coisa que te trará a felicidade, mas só depois do chá, eu te deixarei devendar o mistério...»

O chá decorreu no meio da maior animação; e não contribuiu pouco para isso, a curiosidade, em que todos estavam, de ver o presente da tia Perpétua.

E' que o mistério, tem quasi sempre o seu quê de aperitivo!

Alguns tempo decorrido, quando as últimas chávenas de chá se esvasiavam, e os bolinhos principiavam a rarear, a tia Perpétua muito bem disposta, muito alegre mesmo, disse em voz alta: «— Maria Thereza traze cá o meu presente, para que todos possam apreciar, devidamente, o que me custou tanto a encontrar...»

— Vou já, num instantinho, adorada tia! E no seu cérebro principiaram a esboçar-se as mais belas quimeras. Pois a tia não tinha acabado de dizer que lhe trazia um presente que lhe custara tanto a encontrar?!...

Daí a segundos, ei-la triunfante com o embrulho nas mãos, ávida de anecdota.

— Pódes desembrulhar, Maria Thereza; é justo que sejas tu a primeira a ver o seu conteúdo. —volveu-lhe a tia.

Tremula de emoção, com os olhos sibilantes de alegria, Maria Thereza abriu o embrulho.

Súbito, o seu rosto mudou de cor!

Em vão tentava sorrir. Não conseguiu articular uma

palavra; não fez o mínimo gesto; ficou como que pregada ao solo.

Todos se entreolhavam sem compreender o motivo daquela brusca transformação; — apenas a tia sorria, sorria sempre...

— Mostra lá o presente da tia! — diz-lhe Helena curiosa. Maria Thereza entrega-lhe, frenética, o embrulho, ainda há momentos, tão ardentemente desejado.

Oh decepção geral! O presente da tia Perpétua consistia apenas de um livro, um mísero livro! Ainda se fosse ricamente encadernado! Mas qual! Apenas uma brochura dum simplicidade quasi enervante!

As amigas sorriam-se, no intimo satisfeitasimas com o derrul; daquele castelo tão belamente architectado! Para por termo áquele fim de festa, tão pouco propicio, a má teve a infeliz idéa de perguntar á filha, não sem um sorriso um pouco despeitado, qual o título do livro.

— E' verdade; ainda nem tinha reparado... Intitula-se...

— O quê?! Dize filhinha, —volve-lhe a tia, levemente imperiosa. Com a voz tremula pela decepção sofrida e pela vergonha, sem conseguir readquirir o sangue frio, apesar de manifestos esforços, balbuciou a custo: — o livro intitula-se

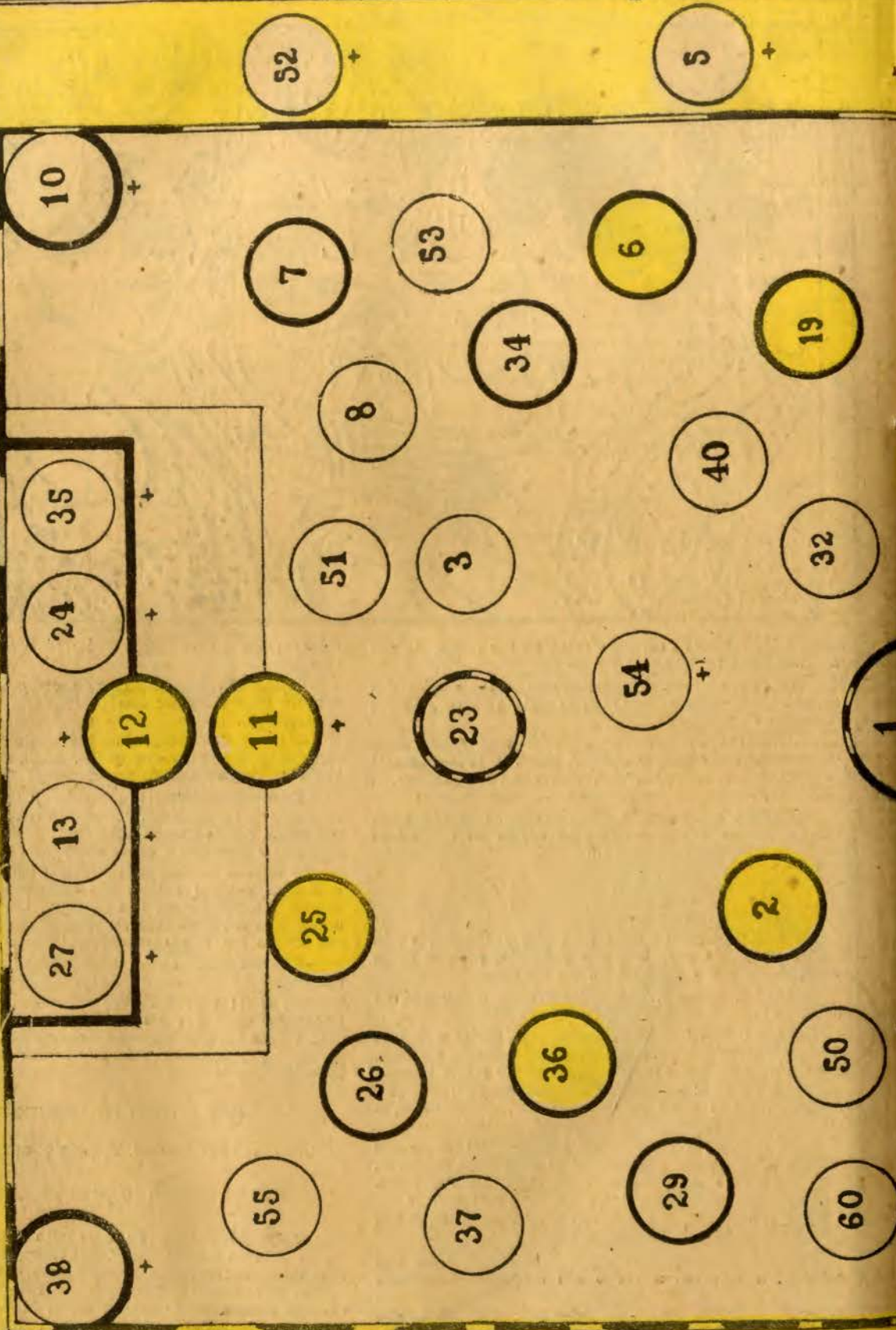
«Não devemos ser interesseiros»

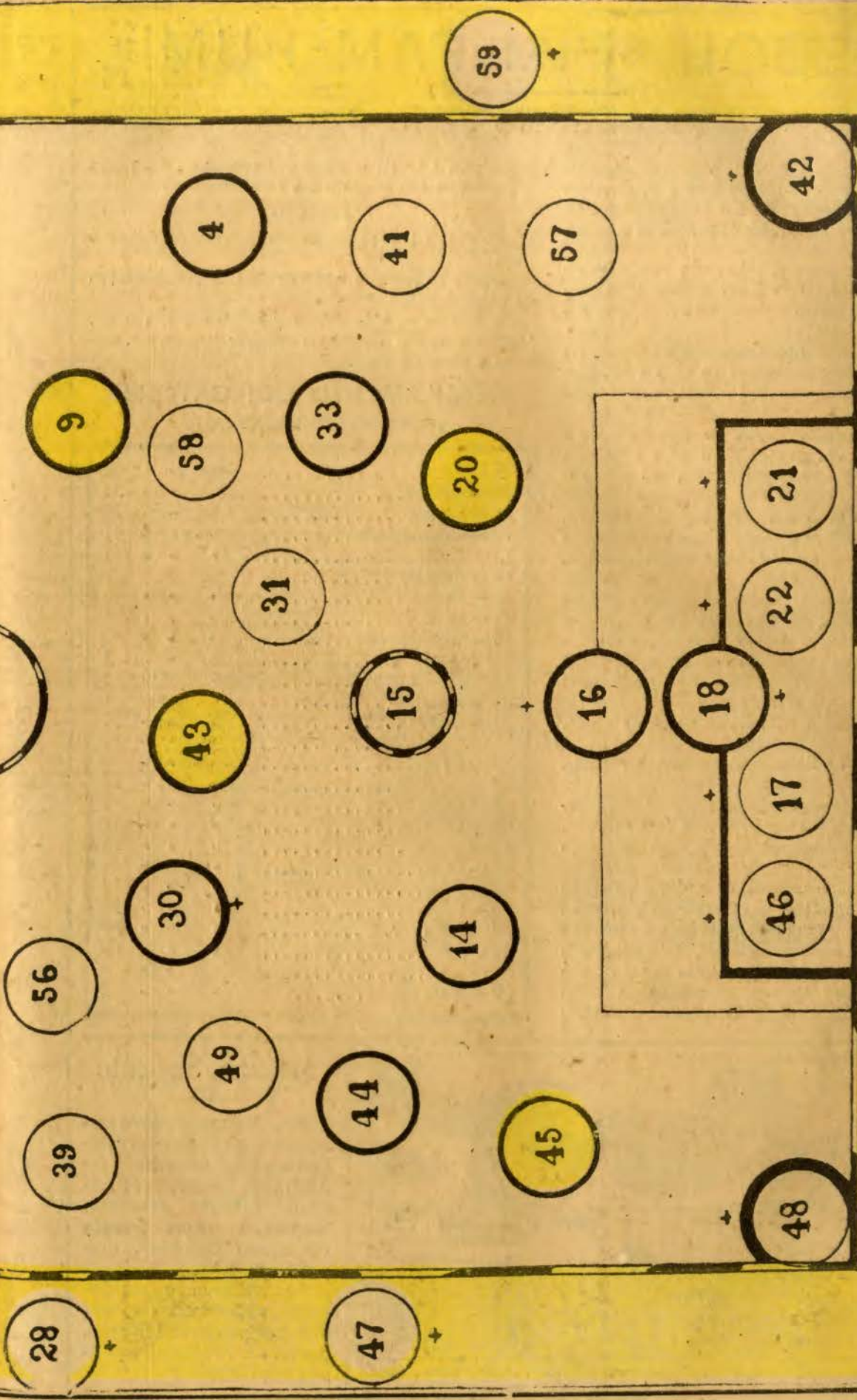
Todos se entreolharam. Tinham compreendido a lição!

Realmente o livro foi dum alto valor moral para Maria Thereza e sua familia, que nunca mais manifestaram maior aprêço pelas pessoas ricas que, por qualquer forma, pudessem ser-lhes uteis, já em presentinhos, já em lhes proporcionar qualquer divertimento agradável, do que pelas pessoas menos abastadas, que nada possam oferecer, a não ser a sua «amizade» sem dúvida, pequenos leitores, o presente mais raro e o que mais nos deve encher de satisfação!

FUTEBOL

FIM-FAM-FUM
Suplemento Infantil do "Seculo"





LENSBO
MILWAUKEE
1881

FUTEBOL «PIM-PAM-PUM!»

REGRAS DO JOGO

Cada grupo é formado por onze jogadores, ocupando o primeiro os n.ºs 2-6-9-11-12-19-20-25-36-43 e 45, (pintados de cor amarela) e o segundo os n.ºs 4-7-14-16-18-26-29-30-33-34 e 44, (pintados a cor cinzenta), ficando os restantes números a branco.

Após os grupos escolhidos, coloca-se a bola (que poderá ser um botão preto ou uma simples rodela de cartão) no centro do campo indicado pelo n.º 1 (um) e a seguir começa-se o jogo.

Com um dado, um dos jogadores joga a primeira vez e os pontos que obtiver adiciona-os ao n.º 1 (um), passando a bola por conseguinte para o número obtido pela adição.

Exemplo: Se o dado depois de lançado sobre a mesa der cinco pontos, junta-se-lhe o n.º 1 (um), ora 5+1=6 é pois exactamente neste número que a bola é colocada, seguindo-se sempre esta norma, até que, por qualquer motivo, tenha de se ceder o jogo ao adversário.

Se no caso de qualquer jogada, a bola cair sobre um jogador contrário, este apodera-se imediatamente do jogo, seguindo as mesmas condições.

Se a bola, por qualquer motivo for metida nas rédeas do jogador que estiver jogando, pode ser considerado goal, pois isto no decorrer do jogo acontece por diversas vezes, mas se se entender que não deve ser marca-se um penalty, cedendo portanto o dado ao outro jogador, que jogará até ser obrigado a deixar a bola.

Após qualquer goal, a bola vai ao centro do campo, começando o jogo aquele que ganhou.

Cada parte do jogo durará quinze minutos, durando, portanto, meia hora o desafio.

Se no decorrer do jogo, o jogador que estiver jogando, deixar a bola fóra do campo, dará o jogo ao outro.

Os números indicados por uma cruz, vejam-se no Regulamento.

Como se verifica no desenho, os n.ºs 12 e 18 são os guarda-rêdes e os n.ºs 11 e 16 os béques: suponhamos, pois, que uma bolada foi às rédeas, mas como na sua frente encontrou o béque ou o guarda-rêde, foi defendida a jogada imediatamente para o mais longe que foi possível; ora assim sucede neste jogo. Exemplo: Uma bolada foi ter ao n.º 12 (guarda-rêde) este defendeu e portanto

joga-a para o n.º 41; mas agora já não joga o que estava a jogar, mas sim aquele que a defendeu.

ATENÇÃO

Só depois das passagens obrigatórias, se jogará o dado.

Depois do primeiro tempo de jogo, os grupos mudam de campo.

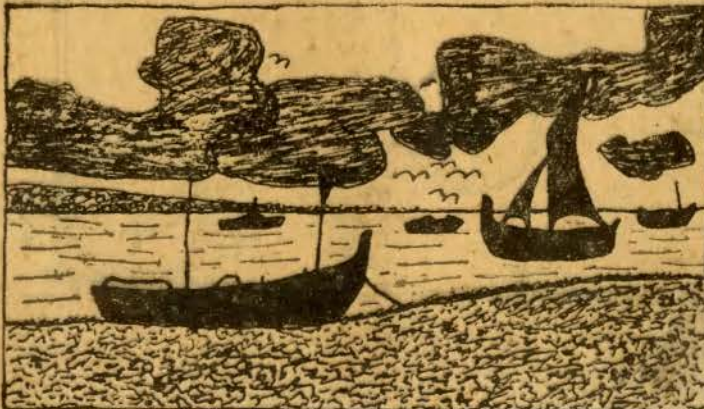
A bola ao ar, é marcada por aquele que não estiver jogando e caso não calhe em qualquer jogador seu, continua o mesmo a jogar.

REGULAMENTO OBRIGATORIO

(PASSAGENS E DEFESAS)

5 — Fóra.....	Passa ao n.º 40
10 — Corner.....	> > > 34
11 — Beque.....	> > > 20
12 — Guarda-rêde.....	> > > 41
13 — Goal.....	> > > 1
15 — Penalty.....	
16 — Beque.....	> > > 8
17 — Goal.....	> > > 1
18 — Guarda-rêde.....	> > > 3
21 — Goal.....	> > > 1
22 — >.....	> > > 1
23 — Penalty.....	
24 — Goal.....	> > > 1
27 — >.....	> > > 1
28 — Fóra.....	> > > 30
30 — Jogador.....	> > > 55
35 — Goal.....	> > > 1
38 — Corner.....	> > > 11
42 — >.....	> > > 16
46 — Goal.....	> > > 1
47 — Fóra.....	> > > 14
48 — Corner.....	> > > 14
52 — Fóra.....	> > > 53
54 — >.....	> > > 60
59 — >.....	> > > 4
60 — Bola ao ar.....	> > > 2

COLA
BORA
ÇÃO
IN
FAN
TIL



Joaquim Martins Gaspar com 17 anos de idade

Maxixe Saricoté

No proximo número publicaremos uma composição musical da autoria do brilhante compositor senhor Alberto Pimenta, inspirada numa poesia do nosso Director, que publicamos num dos passados numeros e que decerto, virá trazer aos nossos pequeninos leitores, horas de verdadeiro prazer espiritual.

CORRESPONDENCIA

Maria Emilia Sampaio. — O teu conto vai ser sujeito á apreciação do sr. Santa-Rita. Muito agradecemos as tuas amáveis palavras.

José de Sousa Neves. — Muito bem. Fazes progressos. Apenas te pedimos que mandes os teus desenhos a tinta da China, como tanta vez aqui temos recomendado.

Maria de Lourdes. — Os teus contos são muito interessantes. Continua que promêtes. Não os publicamos já conforme teu pedido, porque ha mais colegas teus que me fazem identico pedido. A seu tempo os lerás no nosso suplemento.

Rosa Maria. — Com que então não passas uma semana sem ler o «Pim-Pam-Pum»? Alegramos muito as tuas palavras porque o que mais desejamos é ver os nossos leitores satisfeitos comnosco. O sr. Santa-Rita vai ler o conto que mandaste. Saudades a todos do

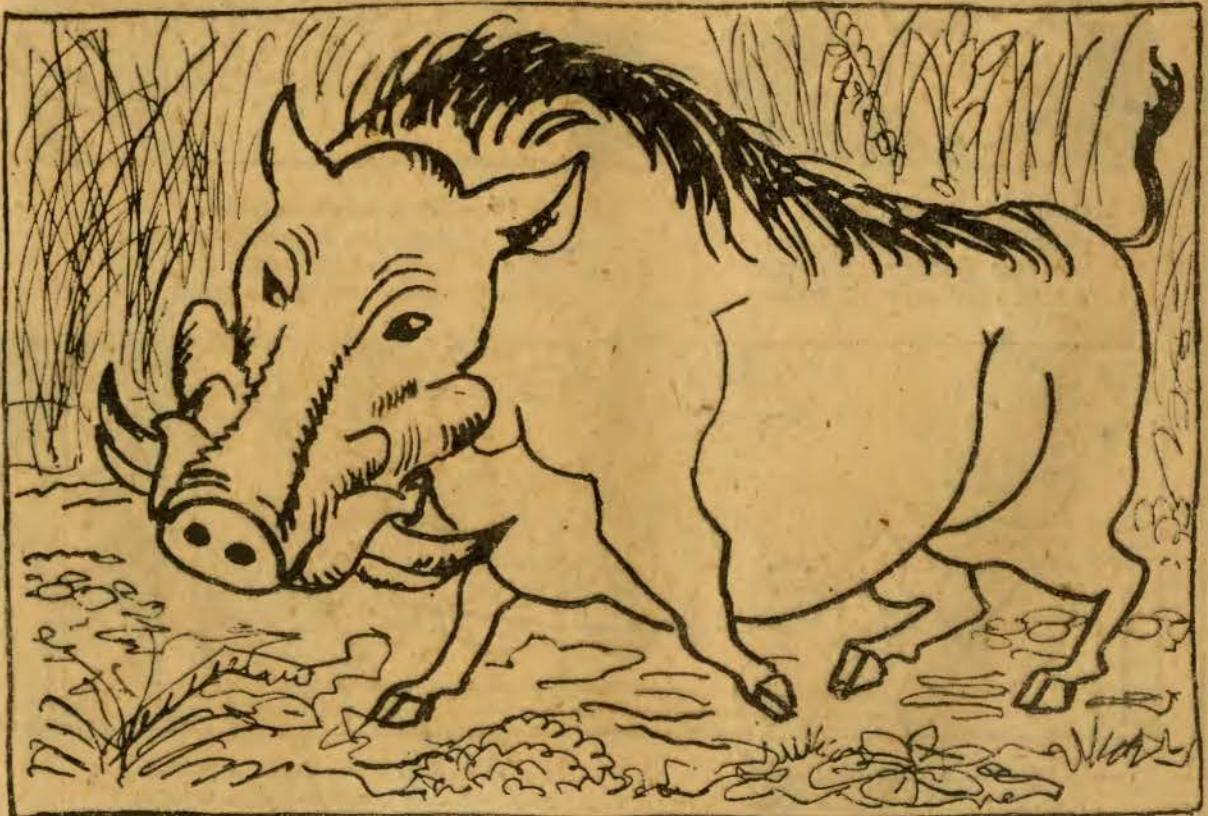
Tlo Paulo

A DIVINHA



Dois caçadores pretendem caçar esta leoa
Vejam se os descobrem...

PARA OS MENINOS COLORIREM



O Facocero da Etiopia (*Phacochoerus africanus*)

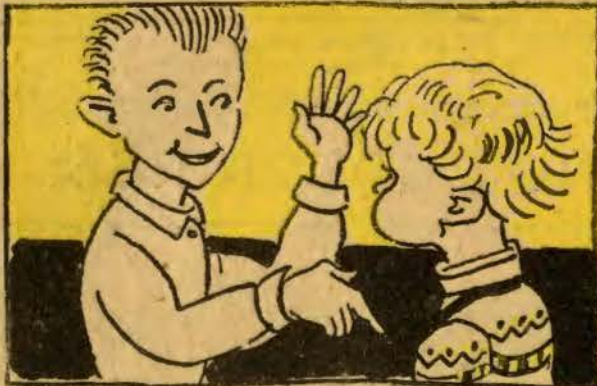
O "pull-over" do Zéquinha



I — Zéquinha da Costa Palha, certo dia, ambicionou, ter um «pull-over» de malha ou camisola em «tricot».



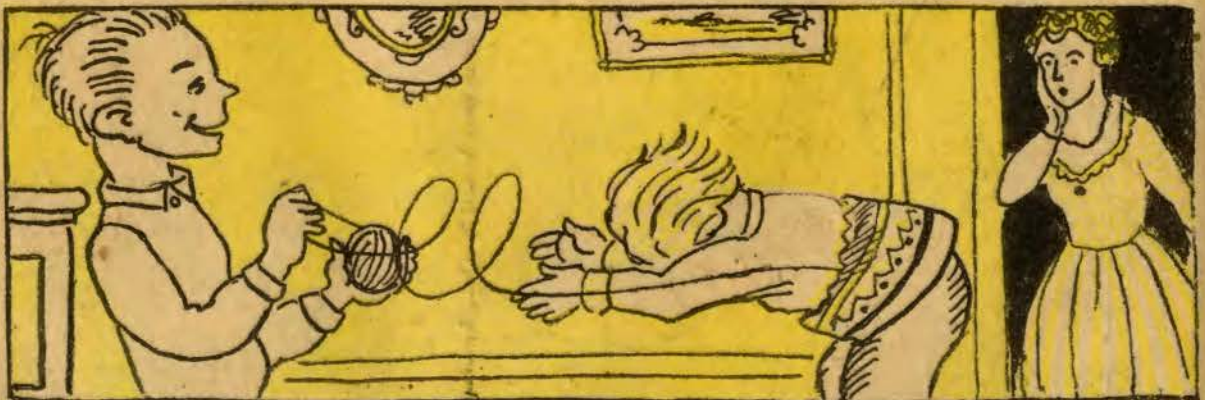
II — Sua mãe, D. Rosario, deu-lhe um, com terna afeição, no dia do aniversário, feito pela sua mão.



III — Quasi á hora de dormir, pede Zéca ao mano Palha: — «Vem ajudar-me a despir o meu «pull-over» de malha».



IV — Diz o mano Barnabé, num riso, franzindo o rosto: — «Ora essa, mano Zé, ajudo, com muito gôsto».



V — E agarrando, com bom modo, a lâ, por uma pontinha, desmancha o «pull-over» todo deixando nú o Zéquinha...

VI — Mas nisto, surge a mamã, que quasi cái para o lado, vendo o «pull-over» de lâ num novelo transformado!...